

RIO, 2010: o eterno retorno da barbárie

Intervenção das Forças Armadas faz o jogo da Casa Branca e agrava o impasse.

25 de novembro, Vila do Cruzeiro, Rio de Janeiro. Cerca de 600 policiais militares de elite (incluindo integrantes do Bope) e 800 soldados da Marinha – treinados em tática de repressão a civis no Haiti –, todos apoiados por helicópteros e veículos blindados, iniciam um processo de ocupação que se estenderá, nos dias seguintes, a todo o Complexo do Alemão (13 favelas onde vivem cerca de 150 mil pessoas). A população local é humilhada, aviltada, agredida. Suas casas são invadidas, seus bens são saqueados, inocentes são assassinados. Mas há agora um dado distinto, de tremenda importância: as Forças Armadas entraram no jogo. Não poderia haver demonstração mais explícita da natureza terrorista do Estado brasileiro. Nem confissão mais clara de sua abjeta subordinação às determinações da Casa Branca (não por acaso, o ministro da Defesa Nelson Jobim aparece como o "queridinho" de Tio Sam, nos documentos vazados pelo site Wiki Leaks).

Nenhum país sério mobiliza as Forças Armadas contra o narcotráfico. Nenhum. Por várias razões. As Forças Armadas são treinadas para defender a soberania nacional contra agressores externos, e não para agir contra o seu próprio povo. Além disso, a guerra ao tráfico coloca a tropa em contato com agentes potencialmente corruptores. Finalmente, trata-se de uma guerra desmoralizante, por ser de antemão perdida. Só idiotas consumados podem acreditar que a repressão vence o tráfico, e apenas débeis mentais incuráveis levam a sério os discursos oficiais sobre a necessidade de acabar com o comércio ilegal de drogas. É um comércio que movimenta centenas de bilhões de dólares, injeta moeda no mercado especulativo, fornece dinheiro para o tráfico de armas, de seres humanos, de mercadorias. É indispensável, enfim, ao funcionamento da economia capitalista. Se alguém quiser mesmo acabar com o narcotráfico, terá que começar pela prisão de banqueiros e agentes financeiros, e assim produzir o colapso da economia mundial. Basta lembrar que nunca se produziu tanto ópio no Afeganistão como após a derrubada do regime dos Talebãs e a entrega do poder ao ex-agente da CIA Hamid Karzai.

Mas a Casa Branca quer que os países de seu quintal militarizem o combate às drogas. Primeiro, por-

que isso significa abrir as Forças Armadas nacionais à participação de "assessores" enviados pelo Pentágono, pelo FBI (polícia federal estadunidense), pela CIA (serviço secreto) e pelo DEA (agência de combate ao tráfico), além de "especialistas" israelenses (bem treinados em massacres de civis palestinos). É exatamente o que acontece, por exemplo, na Colômbia, onde, a pretexto de combater o tráfico, militares estadunidenses e israelenses agem com desenvoltura na Amazônia, além de faturar milhões com vendas de armas e equipamentos (incluindo carros blindados como os sinistros "caveirões"). Há duas décadas, pelo menos, a Casa Branca pressiona o governo brasileiro no sentido de militarizar o combate ao tráfico. O presidente Luís Inácio Lula da Silva, finalmente, cedeu. Nem FHC ousou ser tão sabujo.

Lula tem exata consciência do que faz. Em abril de 2003, pouco após tomar posse, fez um discurso ousado de denúncia do narcotráfico como parte da indústria transnacional do crime organizado: "Ele tem o seu braço na política, tem o seu braço na Polícia, tem o seu braço no poder Judiciário, tem o seu braço nos empresários, tem o seu braço internacional. Então, é uma coisa muito poderosa, que de vez em quando nós vemos na televisão: 'Polícia consegue apreender a maior quantidade de cocaína já vista no Brasil'. Ai o que apresenta a televisão? Cinco ou seis 'bagrinhos'. Para onde ia e de onde veio, quem vendeu e quem comprou a droga, não aparece. Aparecem os 'bagrinhos', ou seja, é sempre a mesma história. E nós só vamos combater o crime organizado quando a gente resolver pegar quem compra e quem vende, e não apenas quem está no processo de intermediação, que muitas vezes são pobres coitados, induzidos, para ganhar o pão de cada dia. Às vezes a gente ouve na televisão o seguinte discurso: 'Tem violência? Tem. Vamos cercar a favela. Tem droga? Tem. Vamos ocupar a favela.' Possivelmente, no dia em que a Inteligência da Polícia for mais ousada e mais forte do que a força bruta, a gente não precise invadir uma favela, mas, quem, sabe, subir numa cobertura, numa das grandes capitais desse país, e pegar um verdadeiro culpado pelo narcotráfico."

No ocaso de seu mandato, Lula fez o oposto do

que prometeu no nascedouro: convocou as Forças Armadas contra os "bagrinhos". Com esse gesto, desmoralizou alguns avanços que o seu próprio governo promoveu, incluindo a transformação, em 2005, da antiga Secretaria Nacional Anti Drogas (Senad) para a Secretaria Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas. A expressão "políticas públicas" pressupõe, obviamente, a adoção de um conjunto de medidas não repressivas, um amplo espectro de ações sociais. Mas, para fazer isso, o Estado brasileiro teria que ser outro. Teria que ter programas voltados para a melhoria das condições de vida dos habitantes dos morros e favelas: mais escolas, infraestrutura higiênica e sanitária, hospitais e postos de saúde, mais campanhas esclarecedoras sobre os males causados pelo uso das drogas. Tudo isso soa como piada, num país em que idosos morrem à espera de atendimento nas filas do SUS, e em que a imensa maioria da população não consegue ler um livro.

As chamadas UPPs cariocas (Unidades de Policiamento Pacificadoras), aliás, transformam as políticas públicas em cruel zombaria: o morro viverá "em paz", desde que a população se sujeite à brutalidade dos "caveirões" e ao arbítrio dos mandados coletivos de busca. Assim, os conflitos e tensões nos morros do Rio encontraram a solução praticada inúmeras vezes na história brasileira, sempre com os aplausos das elites e das classes médias conservadoras – a "solução" dada, por exemplo, ao arraial de Canudos. Lula tem razão: é sempre a mesma história. Só que agora é ele quem manda.

A mídia, finalmente, jogou um papel fundamental nisso tudo, em particular a Rede Globo, que, é claro, não age motivada por interesses comerciais e especulativos na "pacificação" do Rio, tendo em vista a Copa de 2014 e os Jogos de 2016. De jeito nenhum. Faz puro jornalismo. Mais uma vez, a Globo apresenta-se, com mais competência e eficácia do que suas concorrentes, como a grande porta-voz das Forças Armadas subordinadas aos designios do Pentágono. Quem foi mesmo que disse que a história sempre se repete como farsa? 🗣️

José Arbex Jr. é jornalista.